



Ítalo Moriconi: corpo a corpo com Grande Sertão: Veredas sob o olhar contemporâneo



Guimarães Rosa: em vez do olhar sociológico, ele adotou o método etnológico da captação da linguagem oral para a literatura

O PROFESSOR E ENSAÍSTA LANÇA, NA LIVRARIA PLATÔ, LIVRO COM CONVITE PROVOCADOR À LEITURA DA FICÇÃO CLÁSSICA DE GUIMARÃES ROSA

» SEVERINO FRANCISCO

Nesta longa estrada da vida de professor de literatura, Ítalo Moriconi, 72 anos, havia passado por várias paragens de Guimarães Rosa. Mas nunca tinha feito a travessia perigosa de *Grande Sertão: Veredas* de ponta a ponta. O resultado do enfrentamento é o livro Para ler *Grande Sertão: Veredas* (Ed. Autêntica), que será lançado, na próxima quinta-feira, às 19h, na Livraria Platô, com uma roda de conversa que terá as participações de Ítalo, Angélica Madeira, Maria Lúcia Verdi e Sérgio de Sá.

O livro está dividido em duas partes. Na primeira, híbrida de diário, crítica e crônica, Ítalo trava um corpo a corpo com *Grande Sertão: Veredas*, revelando os desafios, as dúvidas, as dificuldades e o êxtase com a fabulação e as epifanias rosianas. Na segunda, ele traça as linhas principais do roteiro, da trama e dos conflitos dos personagens dramáticos da ficção de Guimarães Rosa. Mais do que um manual ou uma celebração chapa-branca, é um convite provocativo, mas didático, à leitura de *Grande Sertão: Veredas*, a obra-prima de Guimarães Rosa, que completa 70 anos da publicação neste 2026.

Professor, escritor e curador literário, Ítalo integrou a brilhante geração de Ana Cristina César, Cacaso e Flora Susseking, entre outros. É autor da biografia *O sangue de um poeta*, sobre Ana Cristina César. Além disso, organizou as antologias *Os cem melhores poemas brasileiros* e *Os cem melhores contos brasileiros* (ambos pela ed. Objetiva). Este último contribuiu para a revivência do interesse no conto na cena literária brasileira.

Ítalo mora, atualmente, no Rio de Janeiro, mas tem fortes conexões com Brasília. Estudou ciências sociais na UnB e mantém uma rede familiar e de amizade no planalto. Nesta entrevista, ele fala sobre a aventura de ler *Grande Sertão*, as dificuldades, as críticas e os prazeres com a fabulação rosiana: "Nós interpellamos a obra clássica, mas ela também nos interpela", avisa Moriconi.

**Como foi a sua experiência de leitor de Grande Sertão: Veredas? O que foi um desafio e o que lhe provocou prazer?**

O meu livro relata precisamente essa experiência. Não é um estudo, existem muitos excelentes, sem falar nos próprios depoimentos que Guimarães Rosa escreveu. Esse livro é um projeto quase existencial. Amo a literatura de Guimarães Rosa, mas nunca tinha feito uma leitura de *Grande Sertão* de cabo a rabo, queria ler o romance para avaliá-lo do jeito que o debate literário está. Questiono muito o romance, mas sou totalmente tomado pela sedução da fabulação e da narrativa. O livro clássico traz sempre um embate.

**Com qual noção de clássico você trabalha e como ela se relaciona com Grande Sertão: Veredas?**

Olha, a noção de clássico é muito flexível, não se trata de um vocabulário científico rigoroso. A obra clássica é a consagrada pelos leitores ou por uma tradição crítica. São obra de referência e icônicas, de uma maneira bem abrangente. O professor manda ler, tem gente que gosta, tem gente que não gosta. Um único poema como *A máquina do mundo*, de Carlos Drummond, pode ser considerado clássico. *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, é um clássico. Muitas vezes,

os críticos pensam nos clássicos como *Guerra e paz*, de Tolstói, ou *Em busca do tempo perdido*, de Proust, como um grande manancial da língua e da república. Eu me interessei por *Grande Sertão* como romance clássico extenso porque queria saber qual é o seu significado em nosso mundo contemporâneo de dispersão. De maneira semelhante a que nos o interpelamos, ele nos interpela. O clássico interpela nossas competências, percepções e estéticas.

**A primeira parte do livro fica entre o diário, o ensaio e a crônica. Essa estrutura híbrida lhe deu mais liberdade para se expressar literariamente?**

Com certeza. Na verdade, esse livro é uma etapa no processo da minha escrita. Eu preciso escrever, diariamente, mas estava sem objeto pré-determinado. A minha, digamos assim, grafia, tinha sido muito conduzida por textos acadêmicos. Quando me aposentei da sala de aula, ela continuou e se expressar nas redes sociais, com um certo sucesso. No entanto, era muito sugada pela política, pois estávamos no período da pandemia do coronavírus e de desmandos políticos. Mas, a partir daí, passei a publicar uma revisão desses textos Blog Virtual do Pensamento Social. Aí, foi o primeiro exercício em transformar esse material da rede em forma de crônica-ensaio. Quando comecei a reler clássicos, resolvi aproveitar a leitura para criar escrita literária, do post à crônica e ao texto literário de forma híbrida.

**Rosa dizia que lia Clarice para a vida, e não para a literatura. É possível afirmar também que Guimarães Rosa deve ser lido para a vida e não para a literatura?**

Sim e não. Sim, porque eu mesmo fui impactado e conheci a nuvem Guimarães Rosa, que tem milhares de apaixonados com a vida tocada pela literatura dele. Confesso que sou fã das novelas de Corpo de baile, elas me satisfiziam. Mas *Grande Sertão* é mais exigente, tem uma linguagem complicada, que ficou menos difícil para mim quando me tornei mais aberto à oralidade. E, não, porque o *Grande Sertão* pode ser lido a partir dele mesmo, mas, ao mesmo tempo, pode estabelecer conexão até com a épica grega, com Shakespeare, com os textos védicos. A própria Clarice Lispector citada não era erudita do ponto de vista literário e linguístico. No entanto, o conjunto da obra dela foi incorporado à tradição da literatura e à própria erudição.

**Grande Sertão: Veredas é uma história de amor, uma história de guerra, uma trama de suspense ou um romance metafísico?**

*Grande Sertão* é tudo isso misturado, romance de amor, com uma peculiaridade muito forte, contido e meio trágico. É um romance de guerras, mas faço paralelo com o romance de banditismo, os personagens são bandidos a soldo dos proprietários de terra. Agora, pessoalmente, não gosto do termo metafísico como leitura.

Mas preciso reconhecer que o Riobaldo está se indagando o tempo todo sobre a questão metafísica, para o chão da vida e do corpo. São relacionamentos entre bem e mal e sobre como o diabo pode se infiltrar na constituição de sua pessoa. Muito mais interessante é a cartografia, a geografia, a hidrografia, as paisagens do bioma Cerrado em *Grande Sertão*.

**"Eu, você, todos nós nascemos dois e a gente tem de rezar muito para desdoirar. Reza é que sara loucura", diz Riobaldo Tatarana. Como você interpreta uma sentença como essa?**

A loucura é uma coisa muito forte na experiência de Riobaldo, quando se toma um bandido, ele está endemoniado. Chegou o tempo das loucuras, ele mesmo diz. Como sou da geração de 1970, sei que entregar-se aos instintos, transgredir todas as normas é loucura. É a festa da guerra, diz Riobaldo. Mas, como leitor, não sei se devemos extrair do *Grande Sertão* conclusões análogas à religiosidade popular do Riobaldo. Ele expressa a crença popular de que tudo pode ser resolvido com a religiosidade. Para mim, é um grande desafio. O próprio Riobaldo fala ao Cumpadre Quelemém, kardecista, que é um interlocutor mais cético. No momento em que Riobaldo evoca os fatos de sua vida, está bem situado, é um fazendeiro rico, casado com Otacília, atinge essa harmonia inspirada na figura de Deus. Mas o compadre Quelemém relativiza essa visão, afirma que o espírito vem de baixo. Daí vem a minha discordância da leitura metafísica, *Grande Sertão: Veredas* é um romance físico.

**A realidade sertaneja de Grande Sertão:**

**Veredas está muito distante da vivência urbana da maioria dos brasileiros neste momento. Qual é o sentido de atualidade da obra?**

Essa é uma questão complicada, o mundo sobre o qual Rosa escreve, é um mundo soterrado. Tudo mudou no sertão, a

**ÍTALO COORDENARÁ CURSO VIRTUAL SOBRE GRANDE SERTÃO**

O lançamento de Para ler *Grande Sertão: Veredas* será acompanhado de um curso ministrado por Ítalo Moriconi na plataforma Escrevedeira. Intitulado "A travessia extraordinária de Grande Sertão: Veredas - Um guia de leitura", o curso será realizado em 10 encontros e propõe uma leitura guiada do romance de Rosa, acompanhando passo a passo a sua narrativa, seus personagens, sua linguagem e seus principais conflitos. Tudo em interação com o livro de Moriconi. A proposta é propiciar novas formações de contato com a obra-prima de Guimarães Rosa.

tríplice fronteira Minas, Goiás e Bahia, território de *Grande Sertão*, é muito mais habitada. O grande clássico está interpelado o tempo todo. Nos tempos em que Rosa escreveu *Grande Sertão: Veredas*, a crítica perguntava: o que essa forma trazia de contribuição para o avanço da literatura moderna. Hoje, em dia, como se autentica uma leitura? Pergunta-se o que ele tem a dizer sobre gênero, raça e realidade social. Eu levanto essas lebrs no livro, mas diria que uma das questões mais contemporâneas é a estrutura de depoimento utilizada por Guimarães Rosa. Ela estabelece um contraste muito grande com o romance regionalista, que era sociológico ou autobiográfico. É o caso de Meus verdes anos, de José Lins do Rego ou dos livros de Graciliano Ramos. Em vez disso, Guimarães Rosa utiliza um modelo etnográfico. Entrevista personagens populares. Mas o que prevalece é o encanto da fabulação. Sempre fui muito mais apaixonado pela fabulação do que pela linguagem. Hoje, estou muito mais aberto para esse tipo de linguagem. É a linguagem literária que nasce da oralidade.

**Com percebe as adaptações e as apropriações, como é o caso de Glauber Rocha em Deus e o Diabo na Terra do Sol, em que o personagem Antônio das Mortes parece ser um Riobaldo politizado, imbuído de consciência social?**

Uma das forças do *Grande Sertão* é prestar-se a essas adaptações e apropriações. E, na verdade, ele cria um gênero. Em pleno 2026, tem uma novela chamada *Guerreiros do Sol*. É o imaginário arquetípico brasileiro. O filme da Bia Lessa, *O diabo no meio do redemunho*, é outro exemplo feliz. É muito interessante comparar essas adaptações, pois cada uma imprime tipo de ênfase. É um tema em de pesquisa e de estímulo. O que o Glauber fez foi muito pertinente. *Grande Sertão* é muito cênico.

**Se você tivesse de convidar ou convencer alguém a ler Grande Sertão: Veredas, o que diria?**

Olha, eu diria que deve ler *Grande Sertão: Veredas* porque é muito bom, tem muitas histórias envolventes. As primeiras páginas são realmente complicadas, quando Riobaldo inicia o seu depoimento, Mas tem uma história muito interessante na passagem do Rio do Sussuarão com a briga entre Diadorim e Riobaldo. Depois, a narrativa ganha em dramaticidade, mistérios e revelações quando Riobaldo começa a contar a história desde a infância. Recomendando porque Rosa é um fabulista magnífico.

**PARA LER GRANDE SERTÃO: VEREDAS**

Sessão de autógrafos e debate com Ítalo Moriconi e Angélica Madeira, Maria Lúcia Verdi e Sérgio de Sá, na próxima quinta-feira, às 19h, na Livraria Platô (405 Sul, Bloco A, Loja 12)